

O DESVENDAR DA MANDALA RELIGIOSA ATRAVÉS DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO¹

The Unveiling Of Religious Mandala through The Inter-Religious Dialogue

Mirian Rejane Flore Cerveira²

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo verificar como é percebido pelos alunos a existência do diálogo inter-religioso em uma escola do município de sapucaia do sul. Serão realizadas várias intervenções pedagógicas a fim de identificar as religiões presentes na vida dos alunos. Investigar a ocorrência de diálogo inter-religioso entre os alunos na escola. Percebendo se há o respeito ao diálogo inter-religioso durante as aulas de ensino religioso e demais disciplinas. Observar a percepção dos alunos em relação à promoção do diálogo inter-religioso em ações da equipe diretiva e do corpo docente. Projeto este que será realizado com alunos do 6º ao 9º ano da rede municipal de educação da cidade de sapucaia do sul, em horários de períodos de ensino religioso.

Palavras-chave: Diálogo Inter-religioso; Alteridade; Diversidade.

Abstract

The present study aims to determine how the students perceived the existence of the inter-religious dialogue in a school in the municipality of sapucaia do sul. various pedagogical interventions will be carried out to identify the religions present in the lives of students. investigate the occurrence of inter-religious dialogue between students at school. realizing that there is respect for inter-religious dialogue during religious education classes and other disciplines. Observe the students' perceptions in relation to the promotion of inter-religious dialogue in the actions of the staff and faculty. This project will be conducted with students from 6th to 9th grade in the municipal education of the city Sapucaia do Sul, in periods of religious education.

Keywords: Inter-Religious Dialog; Alterity; Diversity.

Considerações Iniciais

O diálogo inter-religioso tem sido motivo de debate nos mais diversos espaços em todo mundo. Andrés Torres Queiruga (1997) define como diálogo inter-religioso o processo de entendimento mútuo entre diferentes tradições religiosas; é uma comunicação e um

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação para a Diversidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Julho de 2014, Orientado pelo Prof. Thiago Proença.

² Aluna do Polo de Porto Alegre, professora de Ensino Religioso pela Rede Pública Municipal do Município de Sapucaia do Sul, Licenciada em Pedagogia com Ênfase em Ensino Religioso.

compartilhar de vida, visão e reflexão por fiéis de religiões diferentes na busca de descobrir, juntos, o trabalho do espírito entre eles.

Nelson Mandela³ na defesa da liberdade e da paz, também traz um discurso sobre o diálogo inter-religioso. “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Leonardo Boff⁴ dedica-se hoje com energia ao tema, mostrando novas sintonias de abordagem. Ele assinala no prefácio do livro *Teologia latino-americana pluralista da libertação* que assim como existe “a imensa biodiversidade na natureza como fato e como incomensurável valor que merece ser preservado, de forma semelhante existe a diversidade das religiões, que são de fato valores a serem apreciados, pois são manifestações do humano e da experiência religiosa da humanidade”.

Nesse sentido, podemos observar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – mais especificamente no artigo 33 destaca a importância da temática referente à diversidade religiosa.

O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental e assegura o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.⁵

O presente artigo tem como finalidade investigar as manifestações do sagrado no coletivo. Seu objetivo é analisar e compreender o sagrado enquanto o cerne da experiência religiosa do universo cultural, que se contextualiza no cotidiano social de inter-relação dos diversos sujeitos, através do diálogo inter-religioso.

Tem como base os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso, onde a razão de ser do Ensino Religioso propõe trazer acesso ao conhecimento produzido pela humanidade e o desenvolvimento do indivíduo enquanto pessoa, através de valores e de atitudes. Conhecimento este adquirido de geração a geração, por meio de histórias cantadas e contadas, quando cada tradição tem suas verdades próprias, onde haverá a troca de

³ Mandela, Nelson: *Autobiografia de Nelson Mandela. Um longo caminho para a liberdade*. São Paulo: Editora Planeta. 2012, p. 410.

⁴ TEIXEIRA Faustino. *Teologia da libertação. Novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 96 e 103.

⁵ BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO e CULTURA. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília/D.F: 1996

experiências pelo diálogo inter-religioso, sabendo que nenhuma tem maior ou menor importância, para cada praticante a sua religião tem grande importância.

Compete a nós enquanto educadores integrar, aproximar e desmitificar mitos que geram medos e repugna sob algumas religiões. É preciso prover os educandos de oportunidades para tornarem-se capazes de compreenderem as diversas culturas aceitando o outro na sua diferença.

O Brasil é oficialmente um Estado laico, palavra esta que significa liberdade de escolha religiosa, pois a Constituição Brasileira e outras legislações preveem a liberdade de crença religiosa aos cidadãos, além de proteção e respeito às manifestações religiosas. No artigo 5º da Constituição Brasileira (1988) está escrito: “Inciso VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.”⁶

No mundo atual não há mais espaço para ações radicais, como preconceito e intolerância seja racial de gênero ou religiosa. O diálogo inter-religioso visa desenvolver nos alunos o respeito às diferenças de religiões e crenças existentes no nosso país, garantindo a liberdade de expressão formando um cidadão digno e responsável, ciente dos seus direitos e deveres para com a sociedade.

A fim de compreender esse problema, esse artigo iniciará apresentando uma revisão teórica da temática para, em seguida, verificar de que maneira essas concepções se articulam com a realidade enfrentada na escola.

O método utilizado nessa busca é, fundamentalmente, a revisão bibliográfica, somada à observação que se realizou, em um primeiro momento, na E.M.E.F. Lourdes Fontoura da Silva com alunos do 6º ao 9º ano visando um diálogo de saberes religiosos praticados por alunos em sala de aula, em horários de períodos de Ensino Religioso.

A escola possui em seu quadro efetivo aproximadamente quarenta (40) professores, dez (10) funcionários, e uma equipe diretiva formada por Diretora, Vice-diretora, Orientadora Pedagógica e Supervisora Pedagógica. A escolha da equipe diretiva é através de eleição. O conselho escolar é formado por 01 representante e suplente de cada segmento, a eleição é de três anos de duração. O regimento escolar é construído pela

⁶ BRASIL. Constituição do Brasil 1988

comunidade escolar com a participação de todos os segmentos e promulgado pelo Conselho Municipal de Educação.

A escola localizam-se na periferia da cidade, está bem equipadas em sua estrutura física, onde se tem plenas condições de acolher os alunos com aulas bem criativas utilizando recursos apropriados, tais como laboratório de informática, biblioteca, sala de vídeo e quadra esportiva.

Haverá a apresentação do projeto aos alunos, o qual será realizado por meio de entrevistas escrita, através de questionários, oralmente através do diálogo inter-religioso, será identificado quais religiões estão inseridas nas experiências da vida cotidiana de nossos alunos, contemplando inclusive o pertencimento por um mesmo indivíduo a mais de uma religião, conforme a fé de herança, vinda de seus pais. Haverá diálogo contemplativo sobre como cada aluno visualiza a tradição religiosa do outro proporcionando rupturas de paradigmas.

Realização de diálogo inter-religioso em sala de aula quando cada aluno explicará os rituais de sua tradição religiosa onde faremos a coleta de dados mais detalhados sobre cada religião contemplada em sala de aula, para assim podermos valorizar o pluralismo e a diversidade religiosa, possibilitando o esclarecimento sobre o direito à diferença, tendo na liberdade de escolha seu valor inalienável.

Teremos no final desta intervenção pedagógica o fechamento da pesquisa através de dados levantados por meio de questionário e coleta de dados específicos sobre o cotidiano de cada aluno com a apresentação da feira das religiões onde teremos a apresentação da “Mandala das Religiões”, quando cada grupo de religião se apresentará a comunidade escolar.

O ENSINO RELIGIOSO TOMA POSSE DE SEU LUGAR (VALOR)

RELIGIÃO & RELIGIOSIDADE

Nessa primeira parte do artigo, apresentaremos uma breve revisão do que já se publicou a respeito da temática proposta. Assim, nosso trabalho nesse momento será, fundamentalmente, de compilação de parte relevante da bibliografia existente sobre o tema

e devidamente trabalhada ao longo do curso de Especialização em Educação para a Diversidade.

A história nos mostra que o ser humano era um ser religioso desde os primórdios. As primeiras manifestações humanas de um sentimento religioso surgiram nos períodos Paleolítico e Neolítico, e se expressavam por um vínculo com a Terra e com a Natureza, os ciclos e a fertilidade. Nesse sentido, a adoração à Deusa mãe, à Mãe Terra ou Mãe Cósmica estabeleceu-se como a primeira religião humana.

Os religiosos gregos e romanos acreditavam na existência de vários deuses; os judeus, muçulmanos e cristãos acreditam que há apenas uma divindade, um ser impossível de ser sentido pelos sensores humanos e que é capaz de provocar acontecimentos extraordinários que podem favorecer ou prejudicar os homens. Para grande parte das religiões, as coisas e as ações são regidas pela “lei da ação e reação”. Cícero, senador romano afirmou: “Não há povo tão primitivo, tão bárbaro, que não admita a existência de Deuses, ainda que se engane sobre a sua natureza”.

Vemos então que o fenômeno religioso é anterior a toda religião, o ser humano é naturalmente religioso, tem uma dimensão religiosa que é natural, intrínseca. A pessoa humana foi criada pelo Transcendente como unidade inacabada e em construção, é um ser finito, que teve início e terá fim, chamado ao Transcendente que é infinito. Religiosidade é parte fundamental integrante do conhecimento humano como afirma Cortella “Não nascemos prontos”⁷. Desde que o ser humano começou a ter consciência das coisas, ele já percebeu a existência de algo superior a ele, que foge da sua compreensão. Esta mesma interpretação foi feita por vários povos e culturas diferentes, e concluiu-se que vem da mesma fonte inspiradora que chamamos de Transcendente.

Para tornar mais objetivo o assunto, busca-se o sentido da palavra “transcendente”, que segundo o dicionário Aurélio⁸ apresenta muitos significados como: algo muito elevado, superior, sublime, excelso, que transcende aos limites da experiência possível, que supõe a intervenção de um principia que lhe é superior.

⁷ Cortella, Mario Sergio. *Nos Labirintos da Moral*. Campinas: Papyrus, 2005

⁸ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (FONAPER)⁹, o transcendente é um fenômeno religioso.

Entende-se por fenômeno religioso o processo de busca do ser humano pela Transcendência, que passa pela experiência pessoal até a experiência religiosa em grupo, comunidade, até a institucionalização pelas Tradições Religiosas. Neste contexto o Ensino Religioso é o subsídio que vai ao encontro do educando, para lhe ajudar a entender o que é o fenômeno religioso.

Junqueira¹⁰ diz que não é “função do Ensino Religioso escolar, promover conversões, mas oportunizar ambiente favorável para a experiência do Transcendente, em vista de uma educação integral, atingindo as diversas dimensões da pessoa.”

Esta dimensão religiosa impulsiona o ser humano a buscar sua realização plena na constante superação de seus limites, buscando respostas à perguntas existenciais do mistério da vida, para melhor compreender a si mesmo e para compreender o mundo e os fatos que nele ocorrem, como o porquê da vida? Da dor? Da doença? Da guerra? Do mal? E da morte?

Segundo Gaarder¹¹ “os gregos imaginavam o mundo como uma massa (caos) que foi organizado por um poder divino e se transformou no mundo ordenado, que hoje conhecemos como “cosmos””.

No Egito antigo, havia a ideia que o mundo tinha saído de um ovo, Já para os Judeus e cristãos, conforme a teoria do criacionismo Gaarder¹² diz que a história contada no Livro de Gênesis “não menciona nenhum material ou substância primordial: conta de uma criação feita do nada. É por meio da palavra falada que a criação ocorre. Deus disse: “Haja luz”, e a luz se fez.”

O livro de Gênesis citado por Gaarder¹³ em sua obra “O livro das Religiões” descreve que “o ser humano havia sido criado a imagem e semelhança do criador, vivia em comunhão com seu criador” por isto, não havia necessidade de uma religião, pois, “o ser humano e o criador conversavam diariamente”, porém o ser criado, tinha livre arbítrio para escolher

⁹ FONAPER. Caderno de Estudos Integrados do Curso de Extensão de Ensino Religioso. nº 7 Capacitação para um novo milênio. O fenômeno Religioso nas Tradições Religiosas de Matriz Africana. Curitiba: Ave Maria, 2000.

¹⁰ JUNQUEIRA, Sérgio. O desenvolvimento da experiência religiosa. Petrópolis, Vozes, 1995. p.14.

¹¹ GAARDEN, Jostein. O Livro das Religiões. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p.25

¹² GAARDEN, Jostein. O Livro das Religiões. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p.25

¹³ GAARDEN, Jostein. O Livro das Religiões. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. P.25

entre o bem e o mal, feito a escolha errada, houve a quebra da ligação entre o criador e o ser criado, vindo então as consequências, onde o ser humano pagou o preço do rompimento do diálogo, da confiança, através da dor e do suor do trabalho¹⁴ o ser humano vira as costas para o Transcendente e há aqui o desligamento da comunhão.

Após este corte de comunhão, entre o ser humano e o Transcendente, o ser humano sente-se no “CAOS”, no abandono, no escuro e neste momento de “CAOS” absoluto, ele busca diversas formas de reatar o seu relacionamento com o ser supremo, nestas diversas buscas de voltar à situação anterior, de total conforto e tranquilidade, que surgem as religiões, nesta tentativa de religar o ser humano ao transcendente, através de um conjunto de crenças, normas, ritos e costumes, que surge a diversidade religiosa, religiões estas que são diferentes entre si porque cada uma é fundada por pessoas diferentes em comunidades diferentes, em diferentes regiões, logo, tem doutrinas diferentes, mas dialogam em um ponto comum que é religar o humano ao transcendente.

Religião então segundo Lactânio (século III e IV d.C.) é o termo que vem de *religare*, religar, argumentando que a religião é um laço de piedade que serve para religar os seres humanos a Deus. E no livro "A Cidade de Deus" Agostinho de Hipona¹⁵ (século IV d.C.) afirma que *religio* deriva de *religere*, "reeleger". Através da religião a humanidade reelegia de novo a Deus, do qual se tinha separado. Mais tarde, na obra “De Vera Religione” Agostinho retoma a interpretação de Lactânio, que via em *religio* uma relação com "religar".

Vemos então que religião não é apenas um fenômeno individual, mas também um fenômeno social.

ENSINO RELIGIOSO NA ESCOLA

A disciplina de Ensino Religioso nas escolas, no decorrer da história, sempre esteve marcada pelas relações que se estabeleceram entre o Estado, a Igreja, a política e a religião, as quais definiam sua natureza e seu papel. Decorre daí toda a discriminação com esta

¹⁴ ALMEIDA, João Ferreira de. A Bíblia Sagrada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

¹⁵ Um desses homens de Deus, dotado de uma mente criativa e intenso desejo de cavar mais profundamente na Palavra de Deus e que ajudou a pavimentar o caminho das grandes progressões do pensamento teológico foi o africano Agostinho de Tagaste (354-430), bispo de Hipona.

disciplina sendo criada uma problemática e debates que envolveram o sistema educacional em que o Ensino Religioso é entendido como um elemento eclesial na escola, sendo tratado como um apêndice do sistema escolar e como elemento estranho na grade curricular.

Elemento este estranho no seu conteúdo e indefinido quanto ao seu profissional de atuação. Objetiva-se a compreensão da busca do Transcendente e do sentido da vida, que dá critérios e segurança ao exercício responsável de valores universais, base da cidadania. Esse processo é anterior a qualquer opção religiosa

“O Ensino Religioso proporcionará o reconhecimento de cada indivíduo através da sua cultura que faz uma demonstração específica de cada um por meio do caráter universal e da antropologia cultural.”¹⁶

O Ensino Religioso tem grande importância na escola devido à presença marcante no meio educacional e na história da evangelização cristã no Brasil, a alfabetização e catequização estavam implicitamente entrelaçadas, a concepção dos jesuítas e a proposta para o Ensino Religioso, no tocante à sua finalidade última.

O que se desenvolve a evangelização segundo os esquemas da época, ou seja, a cristianização por delegação pontifícia, autoridade de Roma, como justificativa do poder estabelecido, em decorrência do regime do padroado, dessa forma, o que se desenvolve como Ensino Religioso é o ensino da Religião oficial do Brasil.¹⁷

A intenção neste momento não é fazer um estudo panorâmico das fases passadas pelo Ensino Religioso, distintos momentos sociopolíticos vividos pelo Brasil nestes 500 anos, que foram muitas, mas reafirmar que nesta época referendada acima, a Religião oficial do império era a “Religião Católica Apostólica Romana” conforme a Carta Magna de 1824.

O ser humano nasce com “livre-arbítrio” que é a expressão usada para significar a vontade livre de escolha, o humano nasce para ser livre e a liberdade é um direito seu. Entre várias expressões de liberdade, está o direito à escolha religiosa, ou seja, de pertencer a uma religião por opção, esta que pode ser construída desde a infância, pelo testemunho da família, da escola e da comunidade, ou na idade adulta.

Segundo o padre Follmann, existem quatro tipos de religião: 1) religião de herança, vivida como um costume ou tradição; 2) religião de herança, mas assumida em seu conteúdo fundamental através de formação, escolha e consciência; 3) religião de herança, mas onde o

¹⁶ FOLLMANN, José Ivo : Ética e tradições Religiosas. - Mundo jovem –porto Alegre – RS: ano 48, n.407 p.11, jun. – 2010.

¹⁷ BRASIL Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso. São Paulo: AM

sujeito vive numa atitude de abertura e busca, experimentando outras religiões ou mesmo escolhendo por opção outra; 4) sem religião de herança, podendo escolher ou não a sua religião na fase adulta.¹⁸

O Brasil passa a partir de 1988 de ter como religião oficial a “Religião Católica Apostólica Romana”, a oficialmente um Estado “laico”, pois a Constituição Brasileira e outras legislações preveem a liberdade de crença religiosa aos cidadãos, além de proteção e respeito às manifestações religiosas.

A escola laica e estatal não surge apenas no vazio deixado por outras instituições de educação, como a família e a igreja, mas seus defensores tiveram que produzir seu lugar travando conflitos e diálogos com outras organizações da vida social.¹⁹

A Constituição Brasileira é bem clara e objetiva no que se refere à Disciplina de Ensino Religioso e do profissional que irá ministrá-la. A essa disciplina se confia, do ponto de vista da escola leiga e pluralista, a indispensável educação da religiosidade. Aqui, já vale observar a necessidade de se superar uma posição monopolista e proselitista, para que haja uma autêntica educação da religiosidade inserida no sistema público de educação em benefício do povo.

O texto da Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96),²⁰ de dezembro de 1996, definia: “I - confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou do seu responsável ministrada por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas;” “II - interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa.”

O artigo 33, da Lei nº 9475, de 22 de julho de 1997, atribuiu aos diferentes sistemas de ensino a regulamentação dos procedimentos que deverão ser seguidos, para a definição dos conteúdos do ensino religioso; compete-lhes, ainda, a edição de normas de habilitação e admissão dos professores de religião no corpo docente da escola pública.

¹⁸ FOLLMANN, José Ivo : *Ética e tradições Religiosas*. - Mundo jovem –porto Alegre – RS: ano 48, n.407 p.11, jun. – 2010.

¹⁹ CAREGNATO, Célia Elizabete; BOMBASSARO, Luis Carlos, (org). *Diversidade Cultura: viver diferenças e enfrentar desigualdades na educação*. Porto Alegre: Ideal, 2013.p.46

²⁰ BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

No § 1º, do artigo 210 da Constituição, foi instituído o direito individual de aprender as doutrinas das diferentes religiões na escola pública, como disciplina do ensino fundamental e no horário em que as demais matérias são normalmente ministradas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)²¹ estabelecem os Parâmetros para o Ensino Religioso, pressupondo a respectiva formação, capacitação e habilitação do profissional dessa área. O Ensino Religioso necessita de profissionais de formação adequada ao desempenho de sua ação educativa, considerando que o conhecimento religioso para estudo do fenômeno religioso na escola, está na complexidade da questão religiosa e na pluralidade brasileira.

No que diz respeito ao conteúdo, os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso. O FONAPER propõem o Currículo de Ensino Religioso com os pressupostos para a organização e seleção de conteúdos para a prática na escola, com os cinco eixos organizadores e seus conteúdos, ou seja: Culturas e Tradições Religiosas, Textos Sagrados, Ritos. Teologias e Ethos.²²

Coelho²³ defende a prática do ensino religioso na sala de aula. "O objetivo é esclarecer a criança sobre o que é ser católico, o que é ser evangélico ou adepto das religiões africanas. Como temos muito sincretismo, a criança não sabe muito bem o que significam essas coisas. Todo mundo é tudo e não é nada, na verdade".

Os Conselhos Estaduais de Educação estabeleceram normas para habilitação e admissão de professores de Ensino Religioso:

Deve fazer parte do quadro permanente do magistério federal/estadual ou municipal;

Ser portador de diploma de licenciatura em Ensino Religioso. Caso não existam profissionais devidamente licenciados, o sistema de ensino poderá preencher os cargos de professores com profissionais portadores de diploma de especialistas em Ensino Religioso (mínimo de 360 h/a), desde que seja portador de diploma em outra licenciatura; bacharéis

²¹ BRASIL Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso. São Paulo: AM

²² FONAPER. Caderno de Estudos Integrados do Curso de Extensão de Ensino Religioso. nº 7 Capacitação para um novo milênio. O fenômeno Religioso nas Tradições Religiosas de Matriz Africana. Curitiba: 2000.

²³ Raimundo Nonato Coelho, professor de religião e coordenador da pastoral da educação na Arquidiocese do Rio de Janeiro, o Estado ser laico não significa que ele é ateu. GRUEN, W.. O Ensino religioso nas escolas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/09/obrigatoriedade-do-ensino-religioso-nas-escolas-do-pais-provoca-polemica.html>

na área da religiosidade, com complementação exigida pelo MEC, desde que tenha cursado disciplina na área temática de Teologia Comparada, no total de 120 h/a.

Demonstrar capacidade de atender a pluralidade cultural e religiosa brasileira, sem proselitismo;

Comprometer-se com os princípios básicos da convivência social e cidadania, vivenciando a ética própria aos profissionais da educação;

Apresentar domínio dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso.

O estudo e a aquisição do conhecimento sobre as diversas religiões assim como o diálogo inter-religioso vai proporcionar ao educando o fortalecimento de sua identidade religiosa, como também estimular os educandos a fazerem uma opção religiosa.

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

A escola é um espaço de encontros, vivências e reencontros, e neste ambiente estão presentes todas as diversidades possíveis, por isto devemos “viver diferenças e tensionar desigualdades na escola” surge assim a necessidade do contato, da interação, da socialização, da acolhida, do ouvir, do respeito e da coexistência entre e com o diferente. Para Cerveira²⁴ “O diálogo inter-religioso é muito importante nas escolas. Precisamos romper os paradigmas e ter um novo olhar para as diferenças religiosas.”

Referindo-se à diversidade religiosa, encontramos na escola esta mandala, com muitas e muitas religiões presentes entre os estudantes, inclusive temos os que não possuem uma tradição religiosa, e os que possuem mais de uma tradição religiosa, uma herança do pai e outra herança da mãe, por isso, o diálogo inter-religioso será a fonte de proximidade, e arrisco dizer até parafraseando Vygotsky²⁵ seria a “Zona de Desenvolvimento Proximal” para a convivência e respeito mútuo entre as pessoas. De acordo com Lia Diskin²⁶ “devemos tratar os outros como gostaríamos que os outros nos tratassem. Assumimos o

²⁴ WACHS, Manfredo Carlos; BRANDENBURG, Laude Erandj; FUCHS, Henri Luiz; KLEIN, Remí.(org).Práxis do Ensino Religioso na escola.São Leopoldo: Sinodal, 2007. P.239.

²⁵ Lev Semenovich Vygotsky foi um psicólogo bielo-russo. Pensador importante foi pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida.

²⁶ DISKIN, Lia. ÉTICA, Valores humanos e transformação. 2.ed.São Paulo: Petrópolis,1998.p.77.

compromisso de respeitar a vida e a dignidade, e a diversidade, para que cada pessoa, sem exceção seja tratada humanamente.”

[...] garantir que todos os educandos tenham a possibilidade de estabelecer diálogo. E, como nenhuma teoria sozinha explica completamente o processo humano, é o diálogo entre elas que possibilita construir explicações e referenciais, que escapam do uso ideológico doutrinal e catequético.²⁷

“O diálogo inter-religioso é uma forma tolerante de escolher uma religião respeitando e aceitando as outras mutuamente. O diálogo inter-religioso tem como objetivo o respeito perante outras religiões.”²⁸ O conhecimento das tradições religiosas é um conhecimento humano, portanto patrimônio da humanidade, sendo assim deve estar disponível no currículo escolar, visto que a escola é um espaço de trocas de experiências e aquisição de novos saberes, espaço este de socialização e ressignificação de conhecimentos produzidos e acumulados. Por este motivo a diversidade deve ser acolhida e tolerada sem discriminação.

Quando falamos em tolerância religiosa, fazemo-lo dentro do espírito da interpretação atual da legislação do Ensino religioso e da compreensão pedagógica. De modo prático, aprende-se a tolerância no exercício da resolução de conflitos em situações de convívio diário de sala de aula. A tolerância religiosa exercita-se no conhecimento e no “reconhecimento” da diversidade de características e expressões religiosas de um determinado grupo.²⁹

O ensino inter-religioso caracteriza-se pelo estudo da religião, baseado nos princípios universais que unem as diversas correntes religiosas. Não se mostra como tendência à análise de uma religião em especial, mas, democraticamente, a um debate plural inter-religioso, sem caráter proselitista. Tem por objetivo principal a valorização da pluralidade inerente aos diálogos pós-modernos, colaborando na formação de um pensamento universal e alteritário. É com diálogo inter-religioso que se abre este espaço contemplando estes saberes heterogêneos, respeitando o indivíduo, promovendo o respeito a diferença, a identidade e a alteridade.

²⁷ FONAPER. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso. São Paulo: Ave Maria, 1995. p.29

²⁸ SILVA, V. (org) Ensino Religioso educação centrada na vida: subsídio para formação de professores. São Paulo: Paulus, 2004.p.27

²⁹ KLEIN, Remí, BRANDENBURG, Laude Erandi; Wachs Manfredo Carlos. (org).Ensino Religioso: Diversidade e identidade.São Leopoldo:Sinodal, 2008.p.73

Para Silva³⁰, a palavra alteridade, com o prefixo *alter* vindo do latim, possui o significado de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, com estima, valorização, identificando o outro através do diálogo. É na prática da alteridade que se conectam os relacionamentos tanto entre indivíduos como entre grupos culturais religiosos, científicos, étnicos, etc.

Isto então faremos, esta conversa, sobre discriminação e preconceito, olho no olho com alguns alunos protagonistas da história de minha vida, enquanto professora da rede pública de educação.

Contemplaremos mais especificamente o diálogo inter-religioso, o que cada um pensa e vive sobre religião, será importante um espaço dentro da escola onde exista o enfrentamento destas questões ou isto é perda de tempo? Este assunto deveria ser deixado para ser discutido em igrejas pelos Líderes Religiosos?

Nossos atores protagonistas desta história se sentem a vontade ao professar sua fé? São respeitados? Existe algum tipo de pré-conceito para alguém que professa determinada Religião? Há algum tipo de discriminação? Existe Bullying? A alteridade é respeitada? O outro tem direito de ser ele mesmo?

Por mais que já tenha sido estudada a questão de Bullying, sabendo-se que isto é crime ainda há dentro da escola, até mesmo na sala dos professores, colegas que são preconceituosos e falam mal de alunos, usando termos pejorativos quando se referem a alunos com outra opção sexual, chamando de “aqueles gueizinhos” ou “aquele crente”, “aquele batuqueiro” ou ainda “aquele negrinho” o que podemos esperar de alunos, diante de situações semelhantes?

O Ensino Religioso pode se tornar um aliado ao combate, à prevenção e à erradicação ao bullying escolar e, conseqüentemente, a outras esferas sociais, desenvolvendo ações inovadoras, projetos educacionais carregados de esperanças, de mudanças, de (re)construção de um cenário conflituoso, onde nossos(as) alunos(as) são os atores principais. Ou serão coadjuvantes?³¹

Esta prática pedagógica vem em busca do diálogo inter-religioso, onde o educador sendo mediador trará para a ciranda das religiões esta possibilidade de diálogo com respeito

³⁰ SILVA, V. (org) Ensino Religioso educação centrada na vida: subsídio para formação de professores. São Paulo:Paulus, 2004.

³¹ WACHS, Manfredo Carlos; BRANDENSBURG, Laude Erandi; FUCHS, Henri Luiz; KLEIN, Remí.(org).Práxis do Ensino Religioso na escola.São Leopoldo: Sinodal, 2007.p.180

e contemplação sobre a tradição religiosa do diferente que ora, neste espaço escolar é seu igual, seu colega, seu parceiro, buscando em conjunto, na construção de uma sociedade mais justa e humanitária “o fortalecimento do diálogo, do respeito à diversidade, da solidariedade e da participação conjunta em busca da construção de uma sociedade humana e humanizadora.”³²

Conforme Silva³³, a questão de identidade é um problema social: “porque em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente é inevitável [...] as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola.”

Segundo Faustino Teixeira³⁴, “a educação religiosa deve favorecer não apenas conhecimentos teóricos, mas uma aproximação existencial: experiências, prática de diálogo.”

O Diálogo Inter-Religioso já tomou posse de sua importância a nível mundial como veremos a seguir: O primeiro evento inter-religioso oficial aconteceu ainda no século XIX, em 1893, em Chicago, com a participação de líderes de apenas 16 religiões.

Já a Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada pelos 58 estados membros conjunto das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, no Palais de Chaillot em Paris, (França), definia a liberdade de religião e de opinião no seu artigo 18: Silva³⁵ “Todo o homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.”

Em agosto de 2000, atendendo novamente ao chamado da Organização das Nações Unidas (ONU), centenas de representantes das diferentes religiões do planeta entenderam que a chegada do novo milênio era uma boa oportunidade, mais uma, para nos amarmos como seres humanos. E de darmos as mãos pela Paz na Terra.

³² SILVA, V. (org) Ensino Religioso educação centrada na vida: subsídio para formação de professores. São Paulo: Paulus, 2004.p.155.

³³ Idem, p.27

³⁴ TEIXEIRA, Faustino. Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade. In: SCARLATELI, Cleide C. da Silva: STRECK. Danilo; FOLLMANN, José Ivo (Orgs.) Religião, Cultura e Educação. São Leopoldo: Unisinos, 2006.p.36

³⁵ SILVA, V. (org) Ensino Religioso educação centrada na vida: subsídio para formação de professores. São Paulo:Paulus, 2004.p.27

Mais recentemente em 2004, em Barcelona, já eram centenas as religiões presentes ao encontro promovido pelo Parlamento das Religiões do Mundo. Além do Parlamento, também a Iniciativa das Religiões Unidas (URI) se dedica ao diálogo inter-religioso no mundo, aos Direitos Humanos e à cultura da Paz, reunindo 88 tradições espirituais.

Reunidos em Nova York, no Encontro de Cúpula Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz Mundial, lideranças evangélicas, católicas, budistas, judaicas, islâmicas, espíritas, hinduístas, taoistas, bahá'ís, esotéricas e de tantas outras religiões antigas e modernas compondo a mandala da diversidade religiosa firmaram um compromisso: "O Compromisso com a Paz Global".

Este compromisso de Paz Global, não é de responsabilidade somente dos líderes religiosos que foram aclamados para participarem do encontro mundial, mas é extensivo a todo cidadão que tenha visão de paz mundial e não quer conflitos e guerras, mas quer dignidade e respeito às diferenças, respeitando o pensamento do meu próximo para que o meu pensamento também seja respeitado.

O Papa João Paulo II foi uma das pessoas mais marcantes na prática do diálogo inter-religioso, pois foi o primeiro papa católico a visitar uma sinagoga e uma mesquita.

Notamos então que este tema, já está bem adiantado na validação de sua importância tanto nacional como internacionalmente.

O diálogo inter-religioso só quer promover a paz entre os povos, pois a única coisa que pretende é a disposição de ouvir, compreender e respeitar-se mutuamente, ele baseia-se na consciência viva do valor da alteridade e da riqueza da diversidade.

A beleza do nosso país reside justamente na diversidade cultural e religiosa de seu povo. (...) Temos que quebrar as barreiras que nos impedem de dialogar com aqueles e aquelas que pensam e que agem de forma diferente, mas que tem o mesmo objetivo: a valorização da VIDA!³⁶

O diálogo inter-religioso será possível, quando as diferenças forem acolhidas respeitadas e convidadas para fazerem parte da mandala das religiões, onde cada tradição religiosa terá seu lugar, com igual importância, sem enaltecer nenhuma, mas dando o mesmo peso a todas, pois todas as religiões por maior divergência doutrinária que haja entre elas, elas tem algo em comum, que é a regra de ouro comum a todas: "Não farás aos

³⁶ Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

outros, aquilo que não gostaria que fizesses a ti.” Esta regra nos ensina que é necessário respeito mútuo entre os seres humanos.

Esta mandala das religiões seria um espaço onde todas as religiões entrariam na ciranda, podendo ser apresentada por seus fiéis presentes em cada sala de aula.

A função do Ensino Religioso dentro da escola é de garantir aos interlocutores deste espaço a possibilidade deles estabelecerem este diálogo, respeitando a vivência de cada aluno em sua tradição religiosa, onde cada aluno falará o que sabe sobre sua religião para assim se apresentar aos demais, sem precisar ter vergonha, mas sendo bem verdadeiro e original, como por exemplo, alguns pontos de apresentação:

- 1) Nome da Religião
- 2) Doutrina
- 3) Origem
- 4) Fundador
- 5) Cor predominante
- 6) Símbolos sagrados
- 7) Rituais sagrados
- 8) Músicas sagradas
- 9) Danças sagradas
- 10) Nome do Deus
- 11) Livro sagrado
- 12) Líder Sagrado
- 13) Vestimenta do líder sagrado
- 14) Orações ou Mantras Sagrados

Henry Sobel³⁷ afirma: “[...] o que se faz necessário não é a tolerância, e sim um respeito de reverência, reverência pela diversidade, diversidade de crenças alheias”

A liberdade religiosa não dá direito de ninguém se sobrepor sobre as demais se a própria escolha individual fosse a única religiões como verdade religiosa possível e que a escolha das demais pessoas fosse menos importante ou não passível de ser respeitada. O desrespeito tem gerado situações de intolerância e violência religiosa³⁸.

³⁷ BARROS, Marcelo. O Sonho da Paz- A Unidade nas Diferenças: Ecumenismo Religioso e o Diálogo entre os Povos. Petrópolis: Vozes, 1996.

³⁸ Diversidade Religiosa e Direitos Humanos. Centro de Referência em Direitos Humanos do Distrito Federal - Casa dos Direitos União Planetária. Programa - Garantia e Acesso a Direitos (0154) - CONVÊNIO Nº 759490/2011. Editora União Planetária, 2013

É neste diálogo inter-religioso, é neste “conhecer-te a ti mesmo e o outro” que se construirá a socialização e se formará um cidadão completo e digno, conhecedor de seus direitos e consciente de seus deveres para com a sociedade.

Considerações Finais

O primeiro e mais importante passo para fazer da escola um observatório é conhecer a comunidade de origem destes sujeitos, em seguida, realizar ações capazes de enfrentamento aos preconceitos e discriminações presentes na vida cotidiana dos alunos, seja dentro ou fora dos muros escolares.

No dia-a-dia da escola é possível verificar várias formas de exclusão, a escola é desigual e excludente.

A escola como espaço social e educacional pode ser base para superação de relações discriminatórias que impedem o reconhecimento da diversidade e a construção de relações sociais mais democráticas.³⁹

Há muito tempo nos confrontamos com a grande indagação inerente ao sistema educacional brasileiro: quem são esses nossos novos alunos e como estão inseridos no contexto escolar, como está esta convivência e por que querem recuperar o tempo e o espaço perdido, que é deles por direito gerando uma diversidade cultural? Quem são estes atores que aos 17 anos voltam ao cenário escolar o qual nós os professores fizemos parte e muitas vezes nossas ações devem ir além de simples coadjuvantes?

Estudos realizados na Inglaterra por Paul Willis⁴⁰ mostram que alunos localizados a margem da sociedade e aqueles que precisam trabalhar tem desempenho inferior aos demais.

Estes são marcados e não desejáveis na escola, pelos seus comportamentos e suas histórias de vida. Neste sentido Grignon⁴¹ afirma que a escola conduz espontaneamente ao

³⁹ CAREGNATO, Célia Elizabete; BOMBASSARO, Luis Carlos, (org).Diversidade Cultura: viver diferenças e enfrentar desigualdades na educação.Porto Alegre: Ideal, 2013.p.36

⁴⁰ WILLIS, P. Aprendendo a ser trabalhador. Escola, resistência e reprodução social. Porto alegre: Artes Médicas, 1991.

⁴¹ Grignon, C. Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular. In: Silva, T. T. da (org). Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

“monoculturalismo” sendo incapaz de considerar as diferenças entre seus estudantes seja no sentido de gênero, de raça ou de religião.

Os professores são sujeitos importantes nesse cenário, pois atuando nos processos pedagógicos, utilizam como referenciais, para além da formação profissional, seus parâmetros sociais constituídos subjetivamente.⁴²

As desigualdades existentes na escola, não tiveram origem dentro dos muros escolares e ela certamente não conseguirá oferecer condições de igualdade porque o próprio aluno se exclui.

Ele sabe qual o real motivo que o traz ali, o motivo que passa e perpassa os saberes escolares. Vai além, muito além da nossa inocente imaginação, quando pensamos que quer recuperar o tempo perdido e aproveitar a oportunidade para se preparar para o trabalho.

Nós somos agentes desse processo discriminatório, temos que repensar a produção de relações diante desta desigualdade e diferenças culturais.

Estas experiências de discriminação vivenciadas dentro dos portões escolares acarretam traumas e sequelas prolongadas, crianças e adolescentes que sofreram discriminação do desigual, de não estar na forma ou “forma” proposta pelos bancos escolares chegam à fase adulta com grandes dificuldades de socialização, vindo a ter dificuldades tamanha de relacionamento, mesmo após muita terapia e terem saído da situação de extrema pobreza, tendo feito Ensino superior e adquirido uma boa profissão, conquistado a realização financeira, familiar e profissional.

É possível reverter esta situação de extrema pobreza, descaso e abandono, mas para que isto aconteça o ator deste papel, precisa querer, com forças vindas das entranhas, não basta querer, precisa uma vontade intensa que frui do mais profundo do ser, vontade de conquistar o mundo e mudar tudo que julgar errado e injusto, provar para todos que não está nesta situação por simples vontade, mas é um acaso do destino, mas que é possível mudar.

A família sendo um porto seguro poderá contribuir para que estas mudanças sejam possíveis.

⁴² CAREGNATO, Célia Elizabete; BOMBASSARO, Luis Carlos, (org).Diversidade Cultura: viver diferenças e enfrentar desigualdades na educação.Porto Alegre: Ideal, 2013.p37

Ela foi constituída por Deus⁴³ para ser nosso porto seguro, nosso aconchego, porém nem sempre é assim. Nos dias atuais vemos a família que foi criada por Deus, com outra estrutura.

Família hoje tem uma nova configuração. Não se tem mais a figura do pai, da mãe dos filhos e avós, atualmente, a organização da família brasileira tem passado por uma série de mudanças. O conceito, a compreensão e a extensão do vínculo familiar são o que mais se alteram no curso dos tempos.

Durante a Idade Média as relações de família regiam-se exclusivamente pelo casamento religioso o único modo de constituir uma família, “Nesses preceitos, o casamento tinha caráter de perpetuidade com o dogma da indissolubilidade do vínculo, tendo como finalidade a procriação e criação dos filhos. A desvinculação do matrimônio da Igreja abriu caminho para a revisão dessa dogmática.”⁴⁴

O casamento não perdeu seu valor, porém os conceitos para a definição da família já não se baseiam, estritamente, na união constituída por um homem e uma mulher, unidos por laço matrimonial. “Os membros da família antiga eram unidos por vínculo mais poderoso que o nascimento: a religião doméstica e o culto dos antepassados.”⁴⁵

A família é à base do lar e o alicerce da sociedade, por isto ela deve ser o porto seguro, o lugar sagrado onde seus membros tenham prazer de retornar a cada dia. Para Venosa⁴⁶ “Não se pode conceber nada mais privado, mais profundamente humano do que a família, em cujo seio o homem nasce, vive, ama, sofre, e morre.”

A família, segundo os conceitos atuais e sob o prisma constitucional, é uma família plural, ou seja, o casamento deixa de ser a única forma de constituição do vínculo familiar, dando lugar a outras formas para a constituição da família.

Precisamos acompanhar as mudanças que ocorreram e ocorrem na família brasileira e não criticar e agir preconceituosamente com nossos alunos, como se eles fossem culpados pelas escolhas que os adultos ao seu redor tem feito. “o mundo que nós vamos deixar para os nossos filhos depende muito do tipo de filho que nós vamos deixar para o mundo...”⁴⁷

⁴³ ALMEIDA, João Ferreira de. A Bíblia Sagrada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. (Gênesis 1; 27-28)

⁴⁴ VENOSA, *Silvio de Salvo*. *Direito Civil*, São Paulo, Ed. Saraiva, 2009.p.10/11

⁴⁵ Idem,p.4

⁴⁶ Sílvio de Salvo Venosa, Juiz aposentando do Primeiro Tribunal de Alçada Civil de São Paulo, tendo exercido a magistratura nesse Estado por 25 anos,Integrante do corpo de profissionais de grande escritório jurídico brasileiro, membro da Academia Paulista de Magistrados.

⁴⁷ Cortella, Mario Sergio. Sobre a esperança Diálogo. Campinas: Papyrus 7 Mares, 2007.

Os jovens querem liberdade, mas não querem responsabilidade. “Os jovens hoje parecem adultos em férias.”⁴⁸

Por que será que isto acontece?

Este fato se repete nas famílias, esta nova configuração familiar faz com que os jovens repitam as atitudes de seus pais...

Os jovens justificam suas atitudes de agressividade e desrespeito em sala de aula, porque seus pais bebem, são usuários de drogas, não trabalham e estão envolvidos com atividades ilícitas.

Mas, não é agindo agressivamente, seguindo maus exemplos que iremos resolver estes problemas. Não podemos mudar o nosso passado o que já aconteceu, faz parte de nossa história, mudando nossas atitudes do presente poderemos escrever uma nova história e dar um futuro brilhante para nossa vida. O futuro só depende de nós... Por que ter esperança de que “dias melhores virão?” “Se você quer ter perspectiva de futuro, conheça o passado analise sua história pessoal, a história de sua família, de seu país.”⁴⁹

O Brasil é um país Laico e de Livre-arbítrio, isto é temos liberdade religiosa e todas as outras escolhas. Cada pessoa tem o direito de escolher sua fé e em qual Igreja deseja congregar e comungar. O ser humano tem necessidade de relacionar-se com o Transcendente, o ser superior. O qual recebe um nome diferente em cada tradição religiosa. Neste sentido, o diálogo inter-religioso torna-se uma significativa ferramenta que contribui para consolidar a convivência pacífica entre as pessoas, oportuniza a reflexão crítica sobre a importância de um viver fraterno, bem como a consciência de pertencer a um grupo e de ser alguém capaz de fazer a diferença nas relações humanas através do resgate da razão, da paciência, da tolerância, do amor e da paz.

Através desta prática pedagógica poderá ser lançadas sementes para o desenvolvimento de uma cultura de paz, onde as pessoas possam olhar-se mutuamente reconhecendo-se como seres humanos.

⁴⁸ Cortella, Mario Sergio. Sobre a esperança Diálogo. Campinas: Papyrus 7 Mares, 2007.

⁴⁹ Cortella, Mario Sergio. Nos Labirintos da Moral. Campinas: Papyrus, 2005

Concluo com Freitas⁵⁰ “para compreendermos nossos alunos em situação de riscos, precisamos nos aproximar deles. O trabalho de campo conduz ao encontro com essas personalidades.”

Fica aqui o desafio. Após esta investigação das necessidades dos alunos desta escola pública quem tiver possibilidade de realizar esta pesquisa de intervenção pedagógica, através do diálogo inter-religioso possibilitará aos nossos alunos que se sintam a vontade e felizes com suas escolhas, suas opções, pois bem sabemos que é nesta idade que devemos tomar muitas decisões e quando estamos confiantes se torna mais fácil fazer escolhas.

Referências

- ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- ALMEIDA, Cleide Rita S. **O humano, lugar do sagrado**. São Paulo: Olho D'Água, 1995.
- ALVES, Rubem. **O que é Religião**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BARROS, Marcelo. **O Sonho da Paz- A Unidade nas Diferenças: Ecumenismo Religioso e o Diálogo entre os Povos**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (Org.) et alii. **Violência e religião: cristianismo, islamismo, judaísmo: três religiões em confronto e diálogo**. PUC/Rio: São Paulo: Loyola, 2001.
- BRANDENSBURG, Laude Erandi; FUCHS, Henri Luiz; KLEIN, Remí; Wachs Manfredos Carlos.(org).**Ensino Religioso na Escola, Bases, experiência e desafios**.São Leopoldo: Oikos, 2005.
- BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO e CULTURA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília/D.F: 1996.
- BRASIL Parâmetros Curriculares Nacionais: **Ensino Religioso**. São Paulo: AM
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 10 Jan 2014.
- BRASIL. CNE, Resolução CEB Nº 2/98 e Parecer CEB Nº4/98.
- BRASIL. **Constituição do Brasil 1988**. Disponível em: <www.planalto.gov.br>.

⁵⁰ FREITAS, M. C. (Org.). *Desigualdade Social e Diversidade Cultural na infância e na Juventude*. São Paulo: Cortez, 2006. P.27

CAREGNATO, Célia Elizabete; BOMBASSARO, Luis Carlos,(org).**Diversidade Cultural: viver diferenças e enfrentar desigualdades na educação**.Porto Alegre: Ideal, 2013.

Cortella, Mario Sergio. **Não nascemos prontos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

Cortella, Mario Sergio. **Nos Labirintos da Moral**. Campinas: Papyrus, 2005

Cortella, Mario Sergio. **Sobre a esperança Diálogo**. Campinas: Papyrus 7 Mares, 2007.

DISKIN, Lia. **ÉTICA, Valores humanos e transformação**. 2.ed.São Paulo: Petrópolis,1998.p.77.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

FIGUEIREDO, A. P. **Ensino religioso: perspectivas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes,1995.nº.35, Rio de Janeiro, maio /agos. 2007

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FOLLMANN, José Ivo : **Ética e tradições Religiosas**. - Mundo jovem –Porto Alegre – RS: ano 48, n.407 p.11, jun. – 2010.

FONAPER. Caderno de Estudos Integrados do Curso de Extensão de Ensino Religioso. nº 7 Capacitação para um novo milênio. O fenômeno Religioso nas Tradições Religiosas de Matriz Africana. Curitiba: Ave Maria, 2000.

FONAPER. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso**. São Paulo: Ave Maria, 1995.

FRAAS, Hans-Jürgen. **A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião**. Trad. Ilson Kayser e Werner Fuchs. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

FREITAS, M.C. (Org.). **Desigualdade Social e Diversidade Cultural na infância e na Juventude**. São Paulo: Cortez, 2006.

GAARDEN, Jostein. **O Livro das Religiões**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

GRIGNON, C. Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular.In: SILVA, T. T. da (org). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**.Petrópolis: Vozes,1995.

GRUEN, W.. **O Ensino religioso nas escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/09/obrigatoriedade-do-ensino-religioso-nas-escolas-do-pais-provoca-polemica.html>

JUNQUEIRA, Sérgio. **O desenvolvimento da experiência religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 14.

KLEIN, Remí, BRANDENSBURG, Laude Erandi; Wachs Manfredo Carlos. (org). **Ensino Religioso: Diversidade e identidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

LIBANIO, João Batista. **A Religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

MANDELA, Nelson: **Autobiografia de Nelson Mandela. Um longo caminho para a liberdade**. São Paulo: Editora Planeta. 2012, p. 410

PASSOS, D. A.. **Ensino Religioso: uma Proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2007.

PIAZZA, Waldomiro O. **Introdução à Fenomenologia Religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1983.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **O Diálogo das Religiões**: São Paulo: Paulus, 1997

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da Educação (LDB): trajetória, limites e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 1997.

SILVA, V. (org) **Ensino Religioso educação centrada na vida: subsídio para formação de professores**. São Paulo: Paulus, 2004.

STEIL, Carlos Alberto. **O diálogo inter-religioso numa perspectiva antropológica**. In: TEIXEIRA, Faustino: Luiz Couto (Org). **Diálogo de Pássaros - Nos caminhos do diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulinas, 1993.

TEIXEIRA, Faustino. **Teologia da libertação. Novos desafios**. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 96 e 103.

TEIXEIRA, Faustino. **Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade**. In: SCARLATELI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo; FOLLMANN, José Ivo (Orgs.) **Religião, Cultura e Educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

VENOSA, Silvio de Salvo. **Direito Civil**, São Paulo: Ed. Saraiva, 2009.

WACHS, Manfredo Carlos; BRANDENSBURG, Laude Erandi; FUCHS, Henri Luiz; KLEIN, Remí. (org). **Práxis do Ensino Religioso na escola**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

WILGES, Irineu. **As religiões do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1983.

WILLIS, P. **Aprendendo a ser trabalhador. Escola, resistência e reprodução social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

www.vatican.va/roman_curia/pontifical.../interelg/index_po.htm (24 jan 2014)

Diversidade Religiosa e Direitos Humanos. Centro de Referência em Direitos Humanos do Distrito Federal - Casa dos Direitos União Planetária. Programa - Garantia e Acesso a Direitos (0154) - CONVÊNIO Nº 759490/2011. Editora União Planetária, 2013